



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAMILA DA ROCHA SILVA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: METODOLOGIA AUXILIADORA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS**

GUARABIRA/PB
2025

CAMILA DA ROCHA SILVA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: METODOLOGIA AUXILIADORA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientadora: Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa.

**GUARABIRA/PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Camila da Rocha.

Contaçon de história [manuscrito] : metodologia auxiliadora no processo de alfabetizaçon de crianças / Camila da Rocha Silva. - 2025. 41 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduaçon em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientaçon: Prof. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa, Departamento de Educaçon - CH".

1. Alfabetizaçon. 2. Contaçon de história. 3. Linguagem. 4. Literatura. I. Título

21. ed. CDD 372.21

CAMILA DA ROCHA SILVA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: METODOLOGIA AUXILIADORA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em: 28/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Thayana Priscila Domingos da Silva** (***.032.384-**), em **03/06/2025 16:07:49** com chave **0ab7f7ce40ae11f0a3721a7cc27eb1f9**.
- **Francineide Batista de Sousa Pedrosa** (***.385.164-**), em **03/06/2025 15:16:38** com chave **e44ea16640a611f0b42a2618257239a1**.
- **Kamila Karine dos Santos Wanderley** (***.380.574-**), em **04/06/2025 11:15:37** com chave **635d19a4414e11f0b8712618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir. **Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final
Data da Emissão: 04/06/2025
Código de Autenticação: b00771



Dedico este trabalho ao Homem que, sendo Deus,
se fez carne e sofreu por uma dívida que não era
Sua, por amor a mim. Sem Ele, não haveria eu.

AGRADECIMENTOS

Externalizo, primeiramente, a minha profunda gratidão a Deus, que foi meu sustento, minha força e minha direção. Ele, que sonda o meu coração, conhece de perto os medos que me acompanharam durante toda a jornada acadêmica – especificamente, o receio pelos estágios finais desse curso. Sendo Ele um Pai atento aos detalhes, falou comigo amorosamente: “Estou contigo na faculdade e te direcionarei”. Foi essa promessa que guiou cada passo deste trabalho. Em Seus braços, encontrei as forças necessárias para prosseguir; a direção, quando me faltavam ideias; a confiança, quando o coração desejava temer.

Ao meu marido, meu maior apoiador, meu amigo, meu amor, Lucas Lima. Meus agradecimentos mais sinceros, pude sentir o seu amor genuíno demonstrado em pequenos gestos e inúmeros sacrifícios, que marcaram essa trajetória. Você sempre esteve presente como um refúgio para a minha alma, como um porto seguro onde sempre encontro paz. Sua alegria foi, sem dúvidas, um bálsamo nos dias difíceis.

À minha “mainha”, Jociele, que é mulher de fé, temente ao Senhor, que sempre guerreou por mim através da oração, que intercedeu a Deus pela minha aprovação no Enem, pelo meu ingresso na faculdade e que, todos os dias, sonhou com o momento em que eu deixaria de correr perigo ao ir e voltar do campus de ônibus à noite.

Ao meu “painho”, Mauricio, que sempre acreditou em mim mais do que eu mesma, e que sempre enxergou em mim uma capacidade singular para alcançar tudo o que meu coração almejar. Todas as minhas decisões são apoiadas por ele de maneira excepcional; suas palavras de incentivo, de solução, de ajuda foram combustível para que eu pudesse chegar até aqui. Sua forma de amar se releva, generosamente, suprimindo todas as minhas necessidades, tornando o processo mais leve.

À minha orientadora e professora, Francineide, minha sincera gratidão. Obrigada por sempre ter sido uma referência de amante às poesias, e de profissional. Na disciplina de Literatura InfantoJuvenil que ela ministrava, vivi aulas marcantes o suficiente para despertar em mim o desejo de fazer essa pesquisa com esse tema tão especial. Tê-la como orientadora, foi, para mim, viver uma das direções vinda do céu. Lembro-me de acordar com o seu nome na memória e, ao lhe procurar, fui bem acolhida. Em todo o processo, observei à sua maneira de falar, de me conduzir, de me orientar e logo percebi: foi Deus quem conduziu essa escolha.

Aos meus irmãos, que me ensinam, com a autenticidade de suas formas de ser, a importância de permanecer fiel a quem eu sou, recusando todos os padrões impostos que me fariam moldar aquilo que carrego. Pelo contrário, com coragem, carrego a verdade que há em mim.

Aos colegas de classe, em especial a Esmeralda e Thaís, agradeço pelos momentos de amizade e apoio, pelos dias que o cansaço bateu à minha porta, foi com vocês que pude ter o ânimo renovado e viver noites de alegrias em meio aos estudos.

À minha pessoa, Mayane, que sempre me amou com seus atos de serviço e assim, cuidou de mim, me presenteando com tempo para minhas muitas demandas. Sua presença, sem dizer uma palavra, me impulsiona.

Ao grupo nomeado de Girassol, composto por amigos mais chegados que irmãos: Tatiana, Arthur, Arthus, Norma, William, Bianca, Cricia e Helena, que me proporcionaram finais de semana de lazer, alegria e comunhão; me permitindo sentar à mesa para me ensinarem sobre amizade, lealdade e principalmente, sobre o céu.

A todos esses mencionados, obrigada.

“Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam”. (Romanos 8:28).

RESUMO

A contação de história é uma metodologia auxiliadora no processo de Alfabetização de crianças, desenvolvendo habilidades cognitivas, sociais e emocionais que são essenciais para a aquisição da linguagem oral e escrita. Buscando compreender melhor como se dá essa contribuição, norteou-se com a questão problematizadora: De que modo a contação de história poderá contribuir no processo de alfabetização de crianças? Destacou-se como objetivo geral investigar a contribuição da contação de história no processo de alfabetização do 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E como objetivos específicos: a) compreender o contexto histórico das práticas educativas voltadas para a metodologia da contação de história; b) discutir sobre as contribuições da contação de história no processo de alfabetização; e c) analisar como a contação de história influencia as crianças na aquisição das linguagens oral e escrita. Metodologicamente, o trabalho se classifica como exploratório de abordagem qualitativa em educação. Sendo também um trabalho de campo, adotando a técnica de entrevista semiestruturada. São sujeitos deste estudo duas professoras do 1º ano e duas do 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do turno da manhã, de duas escolas da rede pública de ensino da cidade de Alagoinha/PB. Para o aporte teórico dialogou-se com Soares (2003, 2004, 2018), Tfouni (2010), Ferreiro (1996, 2000, 2010) que debatem sobre a alfabetização trazendo uma relação entre a leitura, a escrita e a aquisição da linguagem. Gomes (2003), Vieira (2010), Benjamin (1994) que enfatizam a contação de história e a importância da linguagem oral, defendendo a propagação de informações através da oralidade, enfatizando que a arte de narrar é um processo que perpassa as gerações. Amarilha (1997, 2003), Zilberman (2006), Colomer (2007) que abordam as questões da literatura infantil como método importante para a formação de leitores e a ampliação da imaginação, da criatividade e da construção de sentidos. Concluiu-se que, a contação de história é uma ferramenta valiosa no processo de alfabetização das crianças, e que essa metodologia pode contribuir na construção de habilidades essenciais de aquisição da linguagem oral e escrita. E embora as docentes conheçam o valor pedagógico da literatura infantil, ainda existe uma certa dificuldade em diferenciar: contação de história de leitura de literatura. Existe, também uma necessidade de compreender melhor como se dá a aplicação da literatura na sala de aula como recurso didático. Sendo necessária uma formação continuada para os(as) professores para que os mesmos possam apropriar-se dessa metodologia e utiliza-la com mais segurança e intencionalidade.

Palavras-Chave: Alfabetização; Contação de história; Linguagem; Literatura.

ABSTRACT

Storytelling is a methodology that helps children learn to read and write, developing cognitive, social and emotional skills that are essential for the acquisition of oral and written language. In order to better understand how this contribution occurs, the following question was oriented towards the following: How can storytelling contribute to the literacy process of children? The main objective was to investigate the contribution of storytelling to the literacy process of the 1st and 2nd grades of the Initial Years of Elementary School. The specific objectives were: a) to understand the historical context of educational practices focused on the storytelling methodology; b) to discuss the contributions of storytelling to the literacy process; and c) to analyze how storytelling influences children in the acquisition of oral and written language. Methodologically, the work is classified as exploratory with a qualitative approach in education. It is also a field work, adopting the semi-structured interview technique. The subjects of this study are two teachers from the 1st year and two from the 2nd year of the Initial Years of Elementary Education, in the morning shift, from two schools in the public education system in the city of Alagoinha/PB. For the theoretical contribution, we dialogued with Soares (2003, 2004, 2018), Tfouni (2010), Ferreiro (1996, 2000, 2010) who discuss literacy by bringing a relationship between reading, writing and language acquisition. Gomes (2003), Vieira (2010), Benjamin (1994) who emphasize storytelling and the importance of oral language, defending the propagation of information through orality, emphasizing that the art of storytelling is a process that passes through generations. Amarilha (1997, 2003), Zilberman (2006), Colomer (2007) who address the issues of children's literature as an important method for the formation of readers and the expansion of imagination, creativity and the construction of meanings. It is concluded that storytelling is a valuable tool in the process of teaching children to read and write, and that this methodology can contribute to the development of essential skills for acquiring oral and written language. Although teachers are aware of the pedagogical value of children's literature, there is still some difficulty in differentiating between storytelling and reading literature. There is also a need to better understand how literature is applied in the classroom as a teaching resource. Ongoing training for teachers is necessary so that they can appropriate this methodology and use it with greater confidence and intentionality.

Keywords: literacy; storytelling; language; literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	16
2.1	A contação: preservando histórias.....	16
2.2	Contando histórias no período de alfabetização.....	19
3	METODOLOGIA	22
3.1	O campo de pesquisa: os sujeitos e o percurso metodológico.....	22
3.2	Realização de pesquisa em educação.....	23
4	CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DA TEORIA À PRÁTICA.....	26
4.1	Narrativas docentes: contação de histórias.....	26
4.2	Influência da oralidade na Alfabetização.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	38
	APÊNDICE B – TERMOS DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO.....	40

1 INTRODUÇÃO

O estudo da temática acerca da contação de história na alfabetização, nos fará entender quais benefícios essa prática acarreta quando utilizada na sala de aula. A contação de história é, sobretudo, uma prática que facilita a alfabetização do sujeito, porque “através da contação de histórias, da leitura em voz alta com emoção, podemos manter viva a paixão pelas histórias, até que um dia ele comece a ler por conta própria e a partir daí nunca mais se separe dos livros” (CUNHA, 2013, p. 186). Por isso, é de fundamental importância que os docentes trabalhem em suas salas de aula a contação de história para as crianças que ainda não estão alfabetizadas, visto que, esse processo pode servir de incentivo para despertar interesse nas crianças pela leitura.

Nosso foco principal será em como a contação de história, sendo uma prática lúdica, poderá auxiliar no processo de alfabetização de crianças. Todavia, sabemos que esse olhar afetivo para o prazer da leitura deve ser permeado por toda a nossa vida estudantil, pois entende-se que quanto mais lemos, mais teremos um vocabulário vasto, uma boa comunicação e uma escrita fluida.

A prática da contação de história, na maioria das vezes se dá para entreter as crianças e as manterem mais calmas, nem sempre se tem a dimensão de quantas habilidades estão sendo desenvolvidas no alunado. Para além da sala de aula, a prática de contar história sempre esteve presente nos tempos antigos, as histórias perpassavam de geração em geração, influenciando o indivíduo de maneira direta. “A prática de contar histórias oralmente acompanha o homem desde seu surgimento no mundo, sendo presente nas mais diferentes culturas, construindo representações de mundo” (Santos, 2021, p. 289).

Atualmente, no século XXI, todas as informações são mais acessíveis aos educadores e educadoras e facilita para que exerçam uma prática docente consciente e eficaz. É necessário que cada contação de história tenha um público alvo, até porque toda a caracterização física e vocal do contador, deve ser fiel a história, mas sempre adaptando para que o seu público consiga compreender aquilo que ouve. Sendo assim, entendemos que para as crianças precisam ler histórias infantis, aliás, “ao escolher uma história para contar a uma criança, é válido que se avalie qual a função que o discurso gráfico-visual apresenta, pois, tanto a contribuição da ilustração para a história, quanto o impacto que ela terá sobre a criança dependem da função que ela se dispõe a exercer” (Massoni, 2018, p. 125).

Por isto, é tão importante a utilização de livros infantis para as crianças, pois geralmente são livros com muitas ilustrações sobre o texto, o que facilita a compreensão das crianças

mesmo sem conseguir realizar a leitura oral em sua totalidade. E também facilita a compreensão da história contada, indo para além do deslumbre com a performance do contador.

A contação de história sempre foi uma temática que nos despertou interesse, é uma metodologia bastante presente no cotidiano da sala de aula na escola em que lecionamos. Por isto, foi nascendo uma admiração pelas professoras contadoras de história, pela forma que elas chamam a atenção das crianças e despertam infinitas emoções nas mesmas.

Para enfatizar essa importância da contação de história, desenvolvemos um projeto que é nomeado de Maleta Viajante, que busca incentivar a prática e o amor pela leitura nas crianças, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Para além desse olhar profissional, o interesse pela temática também se deu através de dois componentes curriculares do curso de Pedagogia, vindo para confirmar exatamente qual área de pesquisa deveríamos seguir, sendo a disciplina Educação e Ludicidade e Literatura Infantojuvenil.

Para nortear a nosso entendimento sobre o assunto apresentamos como questão problematizadora: de que modo a contação de história poderá contribuir no processo de alfabetização das crianças? Destacamos como objetivo geral investigar a contribuição da contação de história no processo de alfabetização do 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Especificamente, iremos: a) compreender o contexto histórico das práticas educativas voltadas para a metodologia da contação de história; b) discutir sobre as contribuições da contação de história no processo de alfabetização; e c) analisar como a contação de história influencia as crianças na aquisição das linguagens oral e escrita.

Metodologicamente, o trabalho se classifica como exploratório de abordagem qualitativa em educação. Sendo também um trabalho de campo, adotando a técnica de entrevista semiestruturada.

Neste trabalho iremos abordar diversos autores e autoras que debatem sobre a temática, como: Soares (2003, 2004, 2018), Tfouni (2010), Ferreira (1996, 2000, 2010) que debatem sobre a alfabetização trazendo uma relação entre a leitura, a escrita e a aquisição da linguagem. Gomes (2003), Vieira (2010), Benjamin (1994) que enfatizam a contação de história e a importância da linguagem oral, defendendo a propagação de informações através da oralidade, enfatizando que a arte de narrar é um processo que perpassa as gerações. Amarilha (1997, 2003), Zilberman (2006), Colomer (2007) que abordam as questões da literatura infantil como método importante para a formação de leitores e a ampliação da imaginação, da criatividade e da construção de sentidos.

O trabalho foi dividido da seguinte forma: Introdução da temática de maneira geral, clara e específica, seguindo para o aporte teórico baseado em diversos autores renomados e

significativos para a compreensão dos conceitos – contação de história e alfabetização. Depois a metodologia que norteou a nossa pesquisa, a maneira como foi aplicada, o campo e os sujeitos. Seguindo para os resultados e discussões, tópico que apresentamos os resultados da pesquisa, analisamos os dados coletados e discutidos à luz das teorias. E finalizamos com a conclusão, considerando os resultados alcançados e o entendimento da pesquisa como um todo; seguido das referências e apêndices.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Conforme define Soares (2004, p. 198), a palavra alfabetizar “não é apenas aprender a ler e escrever”, “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”. Dessa forma, entendemos que o processo de alfabetização vai além do ato de ler e escrever, mesmo que seja esse o “seu sentido próprio específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita” (Soares, 2018, p. 16), existe uma extensão dessa prática que abrange a alfabetização em contextos sociais.

Segundo Ferreiro (1996, p. 24): “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social”, trazendo um entendimento de que, não é viável que a alfabetização ocorra mediada exclusivamente por técnicas, visto que a mesma é potencializada no contexto social que o estudante está inserido.

Para o educador, torna-se de grande valor questionar-se sobre “através de que tipo de prática a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar” (Soares, 2000, p. 30). Para potencializar esse processo, a educação conta com a prática de contar histórias, que possui o poder de estimular habilidades linguísticas, ampliar o mundo imaginário e incentivar o gosto pela literatura, promovendo assim o desenvolvimento da leitura e da escrita. Para Tfouni (2010, p. 16): “o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude”, ou seja, esse desenvolvimento nunca estará findado.

Porém, para potencializar esse processo de alfabetização, ter a prática lúdica de contar histórias como aliada, é proporcionar à criança a oportunidade de sentir o prazer e o engajamento em ouvir histórias, identificar-se com os personagens, desenvolver um pensamento crítico, tornar seu vocabulário vasto, cultivar o amor pelas histórias e, conseqüentemente, pelos livros.

2.1 A contação: preservando histórias

A contação de história é um método presente na convivência da humanidade desde os primórdios, quando a escrita ainda não havia sido desenvolvida. A oralidade era o principal meio de comunicação, permitindo a transmissão de conhecimentos entre os seres humanos.

Antes de permear por conhecimentos culturais e práticas educacionais, a contação de história esteve profundamente enraizada em contextos religiosos. Ao longo da história da humanidade, a trajetória de Jesus na terra foi marcada por contações de histórias vivas em seus

sermões. Ele se utilizava de parábolas e histórias passadas e futuras para ensinar a um povo: uma grande quantidade de pessoas sentava para o ouvir e ficava horas e horas maravilhadas.

No livro do Evangelista Marcos, lemos: “E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes” (Mc 4.33). Essa estratégia utilizada por Jesus, nos traz a ideia de que a narrativa oral permite uma maior compreensão de qualquer assunto, tornando-o envolvente e cativante, além de possibilitar a preservação de histórias, costumes e tradições de um povo e dos seus antepassados.

Compartilhar lendas, vivências e saberes populares de uma comunidade é passar a história de geração em geração, preservando-a. Em tempos passados, existiam pessoas intituladas como contadores de histórias, que geralmente eram os anciões daquele meio, e os que tinham mais experiências de vida e respeito do povo. Eles partilhavam entre si as histórias de seus antepassados, e disseminavam a cultura oral que perdura até hoje na sociedade.

As origens das histórias e os gêneros literários são diversos, assim como os tempos de sua criação são variados, mas todos possuem a mesma essência: a imaginação e o anseio de responder a alguns dilemas da alma humana, como o medo, a alegria, angústia, as perdas, entre outros. (Leardini, 2006, p. 26).

Leardini (2006) destaca que não é possível definirmos uma data específica para quando a prática da contação de história originalizou-se. Contudo, existe algo que sempre permaneceu inalterado: as místicas sensações que são sentidas com profundidade ao ouvir uma história ou até mesmo ao contar uma história. O contador precisa ter uma conexão com essa prática de contar histórias, pois “O contador é um espectro. Aparição do passado no presente” Lavelle (2017, p. 843). Ou seja, nas comunidades eram comuns que os contadores fossem anciãos que traziam abordagens do passado para ensinar, encantar e perpassar histórias para a geração da atualidade.

Segundo Colomer (2007, p. 61) quando ela fala sobre o poder que a leitura/livros têm de transportar o leitor no tempo e no espaço: “levá-lo a penetrar em outros modos de vida, mostrar-lhe realidades desconhecidas e proporcionar-lhe o eterno prazer de quem senta ao lado do viajante que regressa”, nos remete também ao contador, essa figura emblemática, responsável por proporcionar essa “viagem” imaginária.

Benjamin (1994, p. 198) nos afirma que “‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”, abordando, assim, a imagem de dois contadores de história que possuem o mesmo respeito do povo.

O contador era como um espectro de fato, respeitado e admirado por um povo. “Assim, a arte de contar pressupõe a capacidade de aconselhar, compreendida como o talento para sugerir uma continuação para uma história que está se desenvolvendo” (Lavelle, 2017, p. 843). Ao analisarmos, veremos que a contação de história não é vista como um aconselhamento, mas uma prática que pode influenciar e auxiliar uma história que ainda não está completamente vivida/terminada.

Benjamin (1994, p. 204), relata que a narrativa de uma história “Conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”. Mas para isto, cabe ao contador evitar análises psicológicas das histórias narradas para que haja essa conservação e internalização nos ouvintes. O autor ainda reafirma dizendo que:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (Benjamin, 1994, p. 204).

Torna-se necessário que haja uma naturalidade por meio do contador ao conduzir uma contação de história, permitindo que a história marque os ouvintes, possibilitando uma propagação no futuro. Vale ressaltar que uma mesma história pode trazer impactos diferentes mediante ao contexto em que for contada. As obras infantis, por exemplo, mudam suas relevâncias dependendo da faixa etária do público a que são destinadas.

A contação de história junto com a leitura, tem um papel transformador em formar seres humanos críticos e pensantes sobre sua realidade. Gomes (2003, p. 226) aborda que: “devemos considerar que as estratégias de oralidade não anulam em absoluto os passos empreendidos pelo leitor que se encontra com o texto escrito e faz dele seu objeto de leitura silenciosa”; por isto, a contação de história não vem para anular os textos escritos, mas para ajudar o estudante a sentir prazer, interesse e sensações que os façam desejar ler os livros físicos, desenvolvendo, assim, a leitura. Essa prática pode estimular os leitores a se posicionar criticamente, mediante as obras que leem.

Além disso, a oralidade caminha lado a lado com os textos escritos, contribuindo para a alfabetização de crianças. A contação de histórias é um meio que introduz e desperta a curiosidade da criança pela leitura. Sendo assim, “o hábito de ler possibilita que a criança desenvolva aspectos tanto cognitivos como sócios afetivos e, claramente, a linguagem verbal” (Mesquita, 2014, p. 90), ou seja, a linguagem oral se desenvolve com a prática da leitura que é influenciada pela contação de história e que precisa ser instigada desde a Educação Infantil.

Segundo Cosson (2014, p. 126), “Discutir em sala de aula implica que os alunos falem uns para os outros, que exponham a sua posição sobre o assunto e ouçam a posição do outro, que interajam entre si e com o professor”. E nada melhor do que a contação de história para ampliar essa discussão em sala de aula e trabalhar os aspectos da oralidade, fundamentais no processo de alfabetização das crianças.

2.2 Contando histórias no período de alfabetização

A contação de história é originada da literatura oral. Atualmente, vem sendo bastante presente no cotidiano escolar, especialmente nas turmas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa prática é uma metodologia eficaz para auxiliar no processo de aprendizagem alfabética das crianças, aliás, através dela é possível levar o estudante a ampliar a sua imaginação, a sua linguagem oral e a desenvolver suas habilidades cognitivas.

O(a) professor(a) contador(a) de história busca constantemente se reinventar, agregando para a sua contação recursos pedagógicos que podem ser diversos, como por exemplo: palitoches, dedoches, fantoches, figurinos caracterizados, caixinhas de som, folhas de papel, tintas coloridas e entre tantas outras maneiras de fazer com que a história se torne mais real, proporcionando uma experiência única para os(as) ouvintes.

Estes(as) por sua vez, ficam encantados e atentos com a contação, com a forma que as palavras dos livros vão ganhando voz e vida, embarcam neste mundo de fantasias que, de maneira inconsciente, está trazendo uma possibilidade de desenvolvimento das suas áreas cognitivas e linguísticas. Segundo Cortes (2006, p. 79), ler para as crianças é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida, em relação a tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar questões – como os personagens fizeram – é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto.

O(a) contador(a) deve contar histórias sem abordar suas opiniões e sem acrescentar detalhes, deve ser fiel a narrativa original. Lopes (2003, p. 136), deixa isto muito claro quando diz: “não é dada ao leitor a liberdade de selecionar, a sua vontade, o ponto de vista, uma vez que esse decorre da perspectiva interna do texto”, ou seja, o contador faz a intermediação da história para o ouvinte, trazendo a ideia central do texto sem acrescentar outros enredos.

Através do timbre da sua voz, do manuseio de objetos, da caracterização pessoal e dos elementos que utiliza para a contação de história, o(a) contador(a) e/ou o educador da classe pode aproveitar o enredo da história para solicitar desenhos da história ouvida e então, ter a percepção do olhar do aluno para a história. Propor uma escrita de palavras ditas pelos

personagens para aula de ortografia e exercitação da memória. Possibilitar um tempo e espaço para que o estudante possa estar no papel do contador, ter acesso ao livro físico e brincar com a história e com as palavras ali presentes, porque “para alfabetizar é preciso ter acesso à língua escrita (tanto como para aprender a falar é necessário ter acesso à língua oral)” (Ferreiro, 2010 p. 35).

Portanto, a contação de histórias é uma grande aliada no processo de aquisição da linguagem oral e incentivadora da linguagem escrita, ambos necessários para a alfabetização, tendo em vista que a nossa língua é vasta e lúdica. Ter acesso a literatura infantil é ter contato com um mundo recheado de possibilidades, um mundo com palavras novas que precisam ser apresentadas às crianças de forma orientada pelos(as) professores(as) em todas as obras literárias.

Soares (2011, p.12) alerta que, em algumas salas de aula, “oferece-se à criança uma gama restrita de autores e obras, quando a literatura infantil brasileira, em prosa e em verso, é bastante rica e diversificada” o que pode limitar o repertório literário e reduzir a identificação dos alunos pelos autores e obras oferecidas. Para promover um verdadeiro gosto pela leitura através da contação de histórias, é preciso que o educador atue como mediador, respeitando as individualidades do alunado e proporcionando um acesso amplo ao mundo literário.

A contação de história possibilita que os ouvintes tenham acesso a todos os fonemas de maneira leve, significativa, lúdica e claro, acredita-se que “as crianças aprendem muito mais construindo do que repetindo o que os outros disseram” (Ferreiro, 2010, p. 11), sendo assim, a prática docente de aplicar repetições de fonemas e grafemas são inválidas para proporcionar uma alfabetização absoluta. Em outra perspectiva “a nenhuma mãe ocorre ocultar de seu filho certos fonemas da língua porque são difíceis: elas falam e cantam para seus filhos sem se preocupar em saber quais fonemas estão apresentando e em que ordem o estão fazendo” (Ferreiro, 2010, p. 29). Portanto, essa é uma vantagem da contação de história: possibilitar o acesso aos fonemas de maneira lúdica e prazerosa.

A audição é um dos primeiros sentidos que são estimulados na criança. Desde o ventre materno, o bebê é capaz de captar estímulos sonoros internos. Assim, a audição da criança é uma ferramenta que amplia sua comunicação, sua socialização com o outro e o desenvolvimento da fala. Amarilha (2022, p. 56), diz que: “quando se lê para a criança estamos lhe proporcionando informações e estruturas acima do seu nível de leitura, estamos tornando-lhe acessível o complexo mundo da escrita”; por isto, o ouvir é enriquecedor para o processo alfabético de uma criança não leitora.

A contação de história vai para além da leitura: é uma metodologia que prende a atenção do ouvinte e o faz caminhar no universo imaginário das palavras. Segundo Amarilha (2022, p. 54) “na literatura, a palavra é o elemento mais importante, é ela que desencadeia o universo imaginado”; então, relacionar o ouvir com o ler e o escrever, são habilidades indissociáveis de maneira que ambas se completam.

O papel do contador(a) de história é importante por todos os elementos que são desenvolvidos por essa prática e por ser o mediador entre os alunos e os livros. Outrossim, nosso papel também é levar as histórias dos livros de maneira lúdica para que no final, tenhamos despertado o interesse dos ouvintes pelos gêneros textuais, pela leitura, pela escrita e pela contação. Gomes (2003, p. 225) relata que:

Contar histórias é permutar sentimentos entre aquele que conta e os que ouvem, em clima de envolvimento e afetividade com o texto. É também indicar aos leitores o caminho da biblioteca, livrarias, salas de leitura, sinalizado pela vontade de aprender, conhecer mais e “viajar” pelo inusitado mundo ficcional, onde o gosto e o imaginário firmam o passaporte de embarque.

Dessa maneira, a contação de histórias consolida-se como uma ferramenta essencial para a alfabetização de crianças, ampliando a consciência fonológica e facilitando a decodificação da escrita neste processo. A alfabetização inicia-se, primeiramente, por meio da linguagem oral. Como afirma Soares (2003, p. 43), “quando nos alfabetizamos, aprendemos um sistema de representação da linguagem humana que toma como objeto de representação inicial os sons da fala, mas, posteriormente, para anular a variação lingüística, tende a se afastar da fala por meio da ortografia”, ou seja, a escrita é a representação da oralidade.

A contação de histórias favorece essa transição ao expor as crianças à estrutura da língua. Assim, entendemos que “escrever é uma decorrência do fato de alguém saber ler. Quem sabe ler, sabe escrever. O inverso, todavia, não é verdadeiro. Um aluno pode ser um bom copista e não saber ler”. (Soares, 2004, p. 172).

Nesse processo de alfabetização, saber ler é o ponto de partida para o aprendizado da escrita com potencialidade, sendo a língua, influenciada pela literatura, por meio da escuta ou da escrita. Ao ouvir histórias, as crianças se familiarizam com a escrita, ampliam o vocabulário, criam autonomia para a leitura de livros, o que impacta positivamente na sua produção textual.

3 METODOLOGIA

Ao refletirmos sobre o que é pesquisa, logo podemos recorrer à definição de Gil (2002, p. 17) que a descreve como um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Essa definição nos leva a entender a pesquisa como uma abordagem metodológica para investigar um problema que tem como objetivo procurar soluções e respostas fundamentadas.

Para que a pesquisa tenha êxito, é preciso que o pesquisador seja curioso em pesquisar, a ir mais a fundo do que é visto de maneira superficial. Que seja sensível aos detalhes que são passados despercebidos. Além disso, que seja criativo e organizado para ter êxito em sua pesquisa.

A metodologia é a parte que irá nortear este trabalho, servindo como um guia para as etapas seguintes, como também, descrevendo em detalhes o direcionamento do trabalho e as abordagens da pesquisa, trazendo informações de como será a coleta de dados e quais são os sujeitos desse estudo. Uma pesquisa com uma metodologia bem estruturada e aplicada, proporciona uma melhor eficácia na coleta de dados e, sendo assim, um melhor desenvolvimento do trabalho como um todo.

3.1 Realização de pesquisa em educação

Inicialmente, a pesquisa se classifica como exploratória, conforme sustenta Eiterer e Medeiros (2010, p. 11): “a pesquisa exploratória é mais flexível quanto ao planejamento e à formulação de hipóteses, já que busca conhecer fenômenos ainda pouco estudados”. Acerca disso, trabalharemos com entrevistas semiestruturadas com pessoas atuantes na área da educação, especificamente na escola.

Sendo assim, esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa em educação, que segundo Eiterer e Medeiros (2010, p. 13), “[...] significa dizer que essa modalidade de investigação é própria para situações que envolvem pequenas populações, pretendendo adentrar as informações, interpretar significados, narrar situações, descrever processos culturais e/ou institucionais”.

O trabalho também se classifica como um estudo de campo, que segundo Gil (2002, p. 53), “no estudo de campo, estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes”. Dessa forma, as informações

adquiridas são mais precisas e fidedignas por ser um estudo com o grupo que está inserido na comunidade em questão – a escola.

Para a coleta de dados foi utilizado o método de entrevista semiestruturada, de forma não participante, pois como aborda Eiterer e Medeiros (2010, p. 25), “a entrevista é um procedimento de coleta de dados que, via de regra, prevê um contato face a face entre entrevistador e entrevistado, durante uma sessão de perguntas e respostas que acontece oralmente”. Reafirmado por Neves e Domingues (2007, p.62) quando diz que “A entrevista permite a interação do pesquisador com o entrevistado, possibilitando captar atitudes e reações, principalmente sinais não verbais”. Através dessa entrevista, será possível abranger nossa visão entre teoria e prática, nos proporcionando reflexões, conhecimento e conclusões significativas sobre a influência da contação de história no processo de Alfabetização das crianças de 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Na entrevista semiestruturada, segundo nos afirma Eiterer e Medeiros (2010, p. 25) “[...] o entrevistador parte de um roteiro de questões mais amplas e dá ao entrevistado mais tempo e liberdade para responder a cada uma delas”; como também Neves e Domingues (2007, p. 62) relatam que para uma entrevista semiestruturada “existe um roteiro simples, permitindo ao entrevistador fazer indagações de acordo com o desenrolar da entrevista”, podendo assim, proporcionar uma entrevista fluída e com uma coleta de dados que poderá ser significativa.

A análise dos dados com base no discurso das falas dos entrevistados, é de fundamental importância para compreender a pesquisa em uma visão prática e experienciada por esses sujeitos. Moraes e Galiuzzi (2006, p. 118) diz que: “A análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas da análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise do discurso”. O discurso do sujeito torna-se a principal ferramenta para transitar entre a teoria e a prática, fortalecendo a pesquisa qualitativa e a compreensão do conteúdo abordado.

3.2 O campo de pesquisa: os sujeitos e o percurso metodológico

Os sujeitos deste estudo são duas professoras do 1º ano e duas professoras do 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do turno da manhã, de duas escolas da rede pública de ensino da cidade de Alagoinha/PB. A partir de agora, iremos descrever a caracterização dos docentes abordando nomes fictícios de autoras da literatura infantil, para nomear os sujeitos, garantindo a segurança dos dados das entrevistadas. Identificamos as professoras como Ana,

Ruth, Sylvia e Cecília para lembrar as autoras de Literatura: Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sylvia Orthof e Cecília Meireles.

Ana e Ruth são professoras atuantes no 1º ano do Ensino Fundamental da rede pública de ensino; ambas têm 24 anos de idade, residem na cidade Alagoinha/PB, são graduandas do curso Pedagogia pela UEPB. São parceiras de trabalho, pois lecionam na mesma escola, compartilhando recursos e metodologias. Possuem entre 2 a 3 anos de experiência de sala de aula. Ana e Ruth, trabalham no turno da manhã e em suas salas de aula tem a mesma quantidade de alunos, 24 crianças matriculadas.

No 2º ano do Ensino Fundamental temos Sylvia e Cecília. As duas educadoras têm 35 e 55 anos, respectivamente, e residem na cidade de Alagoinha/PB. Sylvia possui magistério e é graduanda do curso de Pedagogia pela Faculdade Três Marias; Cecília não informou sua formação inicial, e respondeu apenas que é Mestra em Educação, sem citar a instituição formadora. Elas possuem metodologias diferentes, mas trabalham na mesma escola. Sylvia possui 3 anos de experiência em sala de aula e Cecília 23 anos de experiência como professora atuante; ambas trabalham no turno da manhã e têm entre 20 a 21 crianças matriculadas em suas determinadas turmas.

Para a realização das entrevistas, vivenciamos um percurso bastante proveitoso e afetuoso, sendo bem acolhida em ambas as escolas. De início conversamos com as duas gestoras via *WhatsApp*, solicitamos um dia para que, como pesquisadora, pudesse visitar a escola para conversarmos, assinarmos os papéis e entrevistarmos as professoras. Ambas as gestoras nos direcionaram a um dia específico da semana. Nos programamos e fomos no turno da tarde para a primeira escola no dia 01/04/2025.

Chegando lá, a escola estava apenas com a coordenação em funcionamento e as turmas estavam suspensas do turno da tarde, pois a escola entrará em modalidade integral e ainda estão adaptando toda a logística, funcionando, assim, apenas no turno da manhã. Conversamos com a equipe da coordenação e combinamos de voltar no dia seguinte, 02/04/2025, pela manhã.

A primeira visita no dia 02/04/2025 foi na escola em que funciona apenas turmas de 1º ano. A gestora sempre muito atenciosa, comunicativa e afetuosa em sua recepção, conversamos, realizamos o questionário destinado à coordenação/direção escolar para caracterização do campo de pesquisa e fomos encaminhadas a sala de AEE para ficar a sós com as entrevistadas. A gestora fez essa articulação de qual professora iria participar da entrevista, dando preferência as professoras contratadas, alegando que as professoras contratadas são mais dispostas e interessadas em participar de pesquisas, tendo em vista que as professoras efetivas não demonstram interesse e prazer. Ambas as entrevistas fluíram sem maiores dificuldades.

No dia 09/04/2025 fomos para a segunda visita no turno da manhã, em uma escola que possui duas turmas de 2º anos do ensino fundamental. Nesta escola, houve uma resistência por parte da gestora em quesito de compartilhar algumas informações, como por exemplo, em relatar sobre o projeto de contação de história que a escola desenvolve, visto que, a mesma alegou que a escola fornece projetos de contações de histórias, mas preferiu não relatar nada sobre o mesmo. A gestora nos destinou a uma sala de recursos e direcionou as duas professoras, uma por vez fazendo com que as entrevistas fluíssem de forma individual e sem dificuldades. Logo após o término, esperamos a gestora terminar de ajudar na limpeza da escola, e fomos para a direção, conversar sobre a pesquisa e assinar os papéis.

Voltando a falar sobre a primeira escola que visitamos, é uma escola de pequeno porte com 120 alunos matriculados divididos em seis turmas de 1º ano, com 34 funcionários, incluindo 02 diretoras, 01 coordenador, 10 professores, 06 auxiliares de serviços gerais, 02 vigilantes e 06 cuidadores. A escola é bastante ampla, contém uma quadra de esportes e um espaço amplo à frente das salas de aula para recreação, possui uma biblioteca com livros disponíveis para o uso dos docentes em sua prática e leitura dos discentes. A escola desenvolve um Projeto de Leitura deleite realizada pelas professoras em sala de aula, de maneira cotidiana. A diretora relata que no mês de outubro, o município realiza um projeto chamado: “Projeto Literário” em praça pública, incluindo a interação dos pais e responsáveis para prestigiar a apresentação das crianças em suas contações de histórias, leituras de poemas e dramatizações.

A segunda escola que visitamos também é de pequeno porte, entretanto, é maior que a primeira com turmas do 2º ano ao 5º ano do Ensino fundamental. É uma escola arejada e com diversos espaços no centro, nas laterais e nos arredores para recreação livre dos estudantes. A escola conta com 65 alunos matriculados nas turmas de 2º ano e com o serviço de 44 funcionários, sendo 01 diretora, 01 coordenador, 12 professores, 08 auxiliares de serviços gerais, 01 vigilantes e 12 cuidadores. A escola desenvolve um projeto de contação de história que favorece a alfabetização das crianças, mas não obtivemos informações de como esse projeto se desenvolve.

4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DA TEORIA À PRÁTICA

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os dados coletados a partir das entrevistas realizadas com professoras de 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que afirmam utilizar a contação de histórias como um recurso pedagógico para auxiliar sua prática em sala de aula. As informações estarão organizadas para destacar as principais percepções, vivências e experiências, realizando uma análise crítica e fundamentada teoricamente.

A análise dos dados coletados será feita à luz do referencial teórico abordado no decorrer do trabalho, além de trazer outras contribuições para enriquecimento dos conceitos estudados. Dessa forma, conseguiremos compreender como se dá as contribuições da contação de história no processo de alfabetização, assim como, entender os desafios e benefícios que essa prática metodológica traz tanto para o alunado, quanto para os professores, em sua prática pedagógica.

Buscaremos sempre manter a objetividade e a coesão na apresentação dos dados e de suas interpretações, baseando-as sempre em uma visão teórica. Assim, a discussão será construída com o levantamento e a análise dos temas mais relevantes identificados nas entrevistas.

4.1 Narrativas docentes: Contação de história

Na esperança que a contação de história seja uma metodologia presente no cotidiano das escolas, iniciamos as nossas entrevistas perguntando às entrevistadas: “Quais são os tipos de histórias que você conta para os seus alunos?”. Ana respondeu que costuma contar contos de fadas, assim como Sylvia. Entretanto, Ana também conta: “*lendas urbanas, ficção, literatura brasileira*” e nos trouxe exemplos, como “*Bom dia todas as cores, de Ruth Rocha*” e “*Rita, não grita, de Flávia Muniz*”. Ruth afirmou que também conta histórias em sua sala de aula, mas não especificou os gêneros literários utilizados: “*História deleite, relacionando com as letras do alfabeto que estão trabalhando*”. Cecília, por sua vez, relatou contar bastante histórias: “*Histórias infantis, literatura infantil*”, e citou como exemplo, Ruth Rocha, mas não especificou os objetivos dessa metodologia.

As respostas das entrevistadas nos trazem algumas reflexões e indagações: Como acontece essa contação de história? As docentes não elencam detalhes dessa metodologia, e ficam algumas lacunas em suas falas, pois não especificam os seus fazeres pedagógicos em relação a contação de histórias; são respostas um tanto vagas e limitadas. Segundo Silva, Freitas

e Bertolletti (2010, p. 72), citam, por exemplo: “As crianças escolhem seus livros, não de acordo com sua idade, mas vários outros fatores influenciam na escolha do livro, como as ilustrações da capa, as cores vibrantes e os interesses comuns a elas”.

Ou seja, é importante que os educadores estejam atentos na hora da escolha dos livros, para sempre trazer narrativas que além de permitir a compreensão dos ouvintes, também sejam atrativas em suas imagens e cores, despertando a curiosidade e o prazer em ler. Vemos, que as ilustrações não é um ponto destacado pelas entrevistadas, bem como o aspecto lúdico da contação de história. Na fala de Ruth, por exemplo, vemos que a literatura infantil é relacionada com objetivos pedagógicos específicos – como o ensino das letras do alfabeto –, limitando e direcionando como deve acontecer a vivência com determinada obra literária.

Dito isto, seguimos para a seguinte pergunta: “Com qual frequência os seus alunos têm acesso a contações de histórias?”. Cecília respondeu: “*Todas as segundas-feiras tem contação de história*”. Já Ana, Sylvia e Ruth afirmaram que a contação de história é uma metodologia diária em suas práticas, relatando que essas contações são nomeadas como “*Leitura Deleite*”, o momento em que a criança se deleita com a história, sem necessidade de diálogos aprofundados. Barros, Leite e Magalhães (2020, p. 9) explicam:

A Leitura Deleite pode possibilitar à criança o acesso a diferentes textos, e, em especial, os literários. Para tanto, o professor tem um papel fundamental de mediar o diálogo do aluno com os textos, no sentido de motivá-los a esse momento de prazer e fruição, sem que seja uma prática engessada de simplesmente ler o livro e cumprir uma rotina preestabelecida

Entendemos, então, que a Leitura Deleite é o que o nome já diz, uma leitura – e não apenas uma contação de história. Entretanto, para as crianças de 1º e 2º ano, que ainda estão no processo de alfabetização, essa leitura feita pelo professor pode se transformar em contação de história, fugindo da prática engessada e corriqueira da leitura por obrigação, possibilitando o enriquecimento da escuta, permitindo que o ouvinte percorra o mundo da imaginação e se deleite com a narrativa, sendo assim, vivendo a contação de história que é originada da literatura oral.

Quando Sylvia relata que os seus alunos têm contato com a contação de história: “*Todos os dias antes de começar a aula*” de maneira “*Deleite*”, torna-se evidente que houve uma dificuldade em distinguir o ler do contar. A leitura Deleite defendida por Antunes (2003, p. 71) é “a expressão gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler”. É uma prática que o aluno já assume o papel de leitor, em busca de deleitar-se sobre a história. Portanto, em questão, debatemos sobre a contação de história nos anos iniciais, que não é igual à leitura.

Nesse caso, é uma metodologia ministrada pelo educador, e o aluno, nessa situação, é o ouvinte que tem a possibilidade de desenvolver-se. Assim como aborda Vieira (2016, p. 08), a contação de história: “estimula o ato da leitura, e, conseqüentemente, um caminho para a escrita, levando também as crianças a se tornarem pessoas críticas, sonhadoras e formadoras de suas próprias opiniões”, quando feita de maneira prazerosa e contínua.

Amarilha (2003, p. 226) diz que: “é necessário instaurar espaços de discussão para que o aluno, na posição de ouvinte, passe a exercer sua competência de sujeito falante”. Por isto, faz-se necessário que o educador faça essa mediação de aluno/história/livro, para que essa leitura deleite vá além do ato de apenas ler por ler. Quando o docente lê para cumprir a rotina, abre espaço para grandes desafios, que, segundo as entrevistadas, estão sendo enfrentados atualmente.

As professoras relataram que o maior desafio para a realização da contação de história na sala de aula, é conquistar a atenção do aluno e motivá-lo a interação. Cecília comentou: “*Ficam com o olhar disperso e desconcentram o restante da turma*”. Por isto, a Leitura Deleite precisa dessa mediação ativa, capaz de motivar e despertar o prazer do alunado. (Barros, Leite e Magalhães, 2010).

Seguimos com a pergunta: “Você utiliza algum material concreto quando conta histórias? Quais?”, Ana e Ruth relataram utilizar o “*livro físico, livro em 3D e palitoches*”. Cecília afirmou que em suas contações de histórias, ela costuma se caracterizar com: “*coletes com imagens referentes a história, aventais, laços, tiaras*”. E Sylvia contou que: “*Não, pretendo utilizar, mas não tenho recursos ainda*”. O professor como contador de histórias, costuma caminhar lado a lado com os recursos lúdicos-pedagógicos. Há um acervo vasto de possibilidades: podendo-se utilizar teatro de sombra, dedoches, palitoches, “*fantoches, livros ilustrados, fantasias*”, entre outros, possibilitando o “*encantamento, emoção, fantasia*” (Vieira, 2016. 13).

Entretanto, o professor na posição de contador de histórias, precisa ser criativo para utilizar aquilo que estiver ao alcance de sua realidade, visto que não exige uma regra fixa para que a contação de histórias aconteça. Vieira (2016, p.13) afirma que: “as mesmas devem ser contadas de maneira natural e que chame atenção, usar a criatividade, o amor, os conhecimentos, a espontaneidade constituem a melhor estratégia nessa atividade”. O que nos mostra que não é preciso ter muitos recursos para realizar a contação de história, mas ter os pilares necessários na condução da prática.

Dando prosseguimento a nossa conversa, perguntamos: “Qual a importância de contar histórias para as crianças?”. Ana disse: “*Para incentivar a criatividade e a leitura por figuras*”,

ideia, essa, reforçada por Cunha (2013, p. 185) quando afirma que: “é comum vermos crianças com um livro na mão contando a história como se estivesse lendo, usando a imaginação e a memória”, fazendo-se válido o manuseio do livro para uma leitura por imagem.

Ruth que também é professora de 1º ano, disse: “*Porque quando a gente ler para eles, faz eles tomarem o gosto pela leitura. Como eles não leem ainda, mas quando vamos contando, eles vão aprendendo*”. A resposta de Ruth nos faz lembrar de Amarilha (2018, p. 143), ao afirmar:

[...] a leitura de histórias é uma atividade que enriquece o vocabulário da criança e proporciona o desenvolvimento de habilidades de compreensão de textos escritos, de inferência, de avaliação, de estabelecimento de relações entre fatos... habilidades que serão transferidas posteriormente para a leitura independente, quando a criança se tornar apta a realiza-la.

A leitura de histórias tem o poder de trabalhar diversas habilidades no alunado, através do ato de ouvir é desenvolvido a oralidade, o conhecimento de novas palavras, compreensão da estrutura linguística e relações sociais, construindo e ampliando a criticidade, aspectos essenciais para que seja alcançado o objetivo da leitura independente.

Em sua resposta, Sylvia acrescentou: “*Através da contação de história afloramos a imaginação e a criatividade*”, afirmando, assim, que através da prática de narrar histórias é possível despertar o lado criativo e imaginativo do ouvinte. Reafirmando essa visão, Sousa e Bernardino (2011, p. 237) dizem que “a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas”, potencializando a contação de história como uma ferramenta que traz efeitos de cunho, tanto emocional e crítico quanto, intelectual.

Completando as respostas a essa pergunta, Cecília disse: “*Para estimular as crianças a lerem com prazer*”, ressaltando assim, que a contação de histórias é uma metodologia eficaz para o desenvolvimento da oralidade da criança, despertando nela o prazer por essa prática – a leitura.

A leitura é a estratégia mais eficaz para alcançar êxito na alfabetização, sabendo que essa leitura não se limita apenas à decodificação de palavras, mas antecede a isso, em uma leitura de ilustrações, de situações e do mundo em geral. Esse pensamento está fundamentado em Paulo Freire (1981, p. 06), quando diz: “A leitura de mundo precede a leitura de palavra”. Para Freire, a leitura vai além da decodificação de palavras, permeando por um mundo de construção da criticidade. Ele afirma que: “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

(Freire, 1981, p. 10 grifos do autor). O que nos permite entender que a leitura de mundo antecede a leitura de palavras, mas não a limita; pelo contrário, traz possibilidade de construção de um saber crítico, essencial para a reconstrução de contextos e para a realização de práticas conscientes e sábias.

4.2 Influência da oralidade na Alfabetização

Para além da contação de histórias, precisamos refletir sobre como essa metodologia pode influenciar no processo de Alfabetização. Para isso, continuamos a entrevista com a seguinte pergunta: “Você acredita que a prática de contar histórias pode influenciar de forma positiva a alfabetização de crianças? Se sim, tem algum relato?”. Tivemos unanimidade nas respostas, visto que todas as educadoras disseram acreditar nessa influência.

Entretanto, relataram não ter nenhuma experiência marcante da sua prática profissional, com exceção da Ana que compartilhou: “*O relato é que em uma determinada aula, as crianças expuseram diferentes opiniões sobre um fato da história, sem se importar com a opinião dos colegas e sem ter medo de julgamentos. Cada um apresentado a sua criticidade sobre a história*”. Dessa forma, vemos que a contação de histórias promove o desenvolvimento de habilidades essenciais para o processo de alfabetização, uma delas é o pensamento crítico e a escuta ativa.

Soares (2020, p. 35) afirma que “se fala e escrita diferenciam por a primeira ser adquirida naturalmente e a segunda ter de ser aprendida, ambas, porém, se igualam em sua função interativa: a criança adquire a língua oral ouvindo textos ou falando textos em eventos de interação com outras pessoas”. Por isso, faz-se necessário uma escuta atenta às narrativas, pois ouvindo, o estudante, ainda não alfabetizado, poderá construir uma interação significativa com os participantes do meio em que está inserido.

Seguimos a entrevista com a pergunta: “Você explora a história que foi contada com outras metodologias, trazendo reflexões, jogos ou atividades?”. As respostas foram divergentes, e as educadoras relataram utilizar diferentes estratégias pedagógicas, visando a linguagem oral e, principalmente, a escrita; em algumas falas, podemos observar também metodologias bastante voltadas para o ensino da gramática.

Como por exemplo, na fala de Sylvia: “*A história que é trabalhada a semana toda, sempre é solicitada que retirem trechos, explorem palavras, pontuação e estrutura gramatical*”. Essa afirmação nos traz o entendimento que os textos literários estão servindo de apoio para o ensino da gramática. Na perspectiva de Antunes (2003, p. 71), apoiar-se nos textos

literários – romance, contos, crônicas e poemas, que são recursos de leitura deleite – como metodologia na aula de gramática, é como definir um limite e ignorar toda arte, visão poética e prazerosa que esses textos possuem e despertam. É como retirar todo encantamento e impor uma obrigação posterior à leitura.

Em concordância com Sylvia, a entrevistada Cecília disse: “*Sempre realizo a interpretação textual e treino ortográfico com as palavras da história*”. Mais uma vez, observamos uma prática sistemática e mecânica que utiliza a literatura como ferramenta para o ensino da escrita. Ambas as educadoras caminham em direção contrária àquela defendida por Antunes (2003).

Seguindo com as respostas, Ana argumentou: “*Utilizo roda de conversas, estudo de palavras isoladas que foram pronunciadas na contação, realizando a compreensão do fonema e grafema*”. Vemos que o trabalho de Ana é focado no desenvolvimento da consciência fonológica, um aspecto fundamental no processo de Alfabetização. Essa compreensão está em consonância com o que afirma Ferreiro (2011, p. 86), ao destacar que o processo de fonetização da escrita, começa exatamente quando surge, no estudante, o interesse em relacionar os aspectos sonoros da fala com o que se escreve.

Nesses relatos, especialmente no de Sylvia e Cecília, podemos perceber que as educadoras demonstram dificuldade em compreender a literatura além da utilização na gramática. Em grande parte, essas lacunas são reflexos da grade curricular dos cursos superiores, especialmente os cursos de Pedagogia.

Em uma pesquisa de campo, Saldanha (2016, p. 163) alcançou dados relevantes sobre a quantidade de alunos que estudam Pedagogia no Nordeste, por exemplo, e traz a análise referente a inclusão da disciplina de Literatura Infantil ou Infantojuvenil ofertada nos cursos de Licenciatura em Pedagogia:

De um total de 1.470 alunos que ingressam anualmente no curso de Pedagogia nas universidades nordestinas pesquisadas, 100 alunos não terão a oportunidade de cursar a disciplina Literatura, enquanto 660 terão assegurado o direito de cursar a disciplina. O que nos chamou a atenção foi o fato de 710 alunos, correspondendo ao percentual de 48%, permanecerem na estimativa dos que cursarão ou não a disciplina, posto que é oferecida em caráter optativo, o que não assegura que essa oferta seja regular.

Esses dados revelam que a formação literária dos profissionais da Pedagogia é terceirizada quando é ofertada de forma optativa, sendo colocada em segundo plano, comprometendo futuras e atuais práticas pedagógicas. A literatura deveria ter grande relevância na formação dos professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, aliás,

o estudo da literatura prepara o docente para a utilização de textos literários, contações de histórias, e conduz para a utilização de narrativas relevantes à compressão dos discentes, influenciando diretamente na alfabetização das crianças.

Finalizamos a nossa entrevista com a seguinte questão: “Como a contação de história influencia na aquisição da linguagem oral e escrita na alfabetização?”. Ana constatou: “*A contação de história é boa para desenvolver a oralidade das crianças nesse processo de alfabetização, automaticamente a escrita também é trabalhada*”. Dessa forma, é possível compreender que, a partir da oralidade, desenvolve-se aspectos da escrita. Na visão de Zilberman (2006, p. 128): “a escrita toma o lugar da voz, e consolida-se o objeto onde ela repousa – o livro”. À luz da escrita, a voz passa a ganhar um novo significado: deixa de ser utilizada apenas como uma forma de comunicação sem registros, e passa a se tornar um meio para o surgimento da linguagem escrita. A contação de histórias vem desenvolvendo essa oralidade, permeando pela escrita e sendo eficaz para a alfabetização.

Ruth compartilhou: “*Ouvir histórias abre a oportunidade para o conhecimento de palavras novas*” e Sylvia confirmou: “*A contação de história é importante porque as crianças ouvem palavras diferentes e ampliam o vocabulário*”. Ambas as entrevistadas defendem que o ato de ouvir é propício para a ampliação do vocabulário. Diante dessa afirmação, é necessário recorrer à perspectiva de Chaer e Guimarães (2012, p. 75): “É importante que os adultos que entram em contato com as crianças tenham cuidado com a própria fala e utilizem de forma clara, sem infantilizações e sem imitar o jeito da criança falar, com a consciência de que são modelos de falantes para elas”.

Ou seja, uma criança com um vocabulário amplo geralmente é acompanhada de pessoas que pronunciam diferentes palavras de forma clara e adequada. Estamos, em concordância com Ferreiro (2011, p. 72) quando afirma que os filhos de pais alfabetizados chegam à escola com um repertório linguístico melhor desenvolvido, trazendo consigo contribuições sociais que auxiliam no processo de alfabetização. Essa base sólida é fundamental, pois sabemos que a escrita se dá a partir de experiências orais. Por isto, é louvável as conclusões de Ferreiro (2011, p. 49) quando diz: “As crianças de 4 e 5 anos que participam de experiências educativas em que ninguém as obriga a alfabetizar-se, mas onde se oferece todo tipo de estímulos para entrar em contato e interessar-se pela língua escrita, avançam muito rapidamente”.

À luz dessa perspectiva, esse processo precisa ser realizado de maneira natural, contínuo e significativo. Evitando a utilização de textos literários exclusivos para a realização de atividades gramaticais obrigatórias, afastando os estudantes do interesse e da motivação pelo universo literário. Faz-se essencial que as contações de histórias sejam vivenciadas como uma

ferramenta lúdica, que desperte prazer no ouvinte, o possibilitando sentir curiosidade e encantamento. Esses momentos de escuta, de interpretação e de reconstrução de sentidos, tornam-se fundamentais no processo de alfabetização.

Esse entendimento está posto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p. 87), na Competência Geral 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, quando diz:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Este documento é norteador para a prática docente, explica a literatura como uma metodologia potencializadora para vivências encantadoras. Reforçamos essa ideia com duas habilidades postas na BNCC (2018, p. 111), voltadas para as turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental:

- Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura;
- Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição.

Fazendo-se então, viável que a leitura seja uma prática presente no cotidiano do alunado, de maneira que possibilite o acesso ao mundo imaginário, despertando encantamento e cultivando o gosto pela leitura desde os anos iniciais.

Podemos destacar que a metodologia de contar histórias vai além da simples leitura de livros, é possibilitar o alunado o contato com o universo literário, estimulando a imaginação, o senso crítico e capacidade de não apenas ler ou ouvir, mas também compreender, desenvolver-se, apreciar, observar e reconhecer-se na literatura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metáfora apresentada: “As sementes são invisíveis. Elas dormem nas entranhas da terra até que uma cisme de despertar. Então ela se espreguiça e lança timidamente para o sol um inofensivo galhinho” (O pequeno príncipe, 2016, p. 20), pode ser claramente associada com o processo de alfabetização, quando este é desenvolvido com o suporte da contação de história como prática pedagógica auxiliadora.

Assim como a semente repousa sobre o solo até o tempo apropriado para germinar, também a contação de história é um método pedagógico que é apresentado a criança em fase de alfabetização. O estudante possui uma potencialidade enorme para desenvolver o processo de leitura e escrita, mas precisa ser conduzido ao alcance desse desenvolvimento pleno. No entanto, para que essa semente seja germinada, é necessário que haja primordialmente um despertar de curiosidade e encantamento – sensações que a contação de história propicia, possibilitando que o aluno comece a “se espreguiçar”, dando seus primeiros passos na leitura e escrita, saindo vagarosamente, para “inofensivas” leituras de palavras, escutas atentas, construindo sentidos para a Alfabetização.

Entendendo esse conceito e buscando compreendê-lo através de teoria e prática, ao longo dessa pesquisa monográfica, concluímos que a contação de história é uma ferramenta pedagógica valiosa para o contexto de alfabetização de crianças do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Através dessa metodologia, é possível construir habilidades essenciais para a aquisição da linguagem oral e escrita, como também um ambiente de criatividade e imaginação.

Considerando as análises realizadas a partir das falas das professoras entrevistadas, percebemos que, embora conheçam o valor pedagógico da literatura infantil, ainda existe uma certa dificuldade em diferenciar: contação de história e leitura deleite. Como também, existe uma necessidade de compreender melhor como se dá a aplicação adequada da literatura na sala de aula como recurso didático. Sendo necessário, assim, que haja uma formação continuada para os professores com abordagem desse tema e aplicação de projetos, para que possam apropriar-se dessa metodologia e utiliza-la com mais segurança e intencionalidade.

Uma ótima opção de metodologia, é a aplicação do projeto Maleta Viajante. Sem dúvidas, é uma estratégia válida para o desenvolvimento da leitura e escrita através da literatura, se constituindo da seguinte forma: a professora por meio de sorteio ou ordem alfabética, escolhe uma criança para levar a maleta viajante para casa, logo acompanha a criança à biblioteca da escola para escolher um livro, encaminha a maleta viajante junto com o livro para casa com os comunicados necessários de instrução para os pais e marcando a data do retorno. Neste retorno,

os familiares da criança têm a oportunidade de ir até a sala de aula, contar com a criança, a história escolhida e lida durante os dias que a maleta ficou em sua casa. A professora conduz todo o momento de socialização e juntos, podem abrilhantar a história com aquilo que for possível, por exemplo: uma música, quis de interação, fantoches e entre diversas possibilidades.

Por fim, concluímos que a contação de história quando é compreendida e utilizada de maneira adequada, propicia um desenvolvimento pedagógico eficaz, possibilitando uma aprendizagem significativa, crítica e sensível. É uma prática que consegue realizar a mediação entre professor, aluno, leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. **Estão mortas fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- AMARILHA, Marly. Educação e Leitura: trajetórias de sentidos. João pessoa: Ed. da UFPB-PPGED/ UFRN, 2003.
- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AURELIO, O minidicionário da língua portuguesa. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão Rio de Janeiro, 2002.
- A BÍBLIA. **Porque Jesus falou por parábolas.** Novo testamento. 2º ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BARROS, Marinete Campos; LEITE, Erotildes Pereira; MAGALHÃES, Epaminondas Matos. Leitura Deleite: o que pensam os professores do Ciclo Básico de Alfabetização. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 21, n. 1, p. 8-13, 2020.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- CORTES, Maria Oliveira. Literatura infantil e contação de histórias. VIÇOSA: CPT, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Gabriela Duarte. **A importância da contação de histórias e da leitura em voz alta para crianças em fase de alfabetização.** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.
- DA SILVA, Elaine Aparecida Rodrigues; DE FREITAS, Lucinéia Silva; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **A questão da faixa etária na literatura infantil.** Anais do Sciencult, v. 1, n. 1, 2010.
- DE SOUSA, Linete Oliveira; BERNARDINO, A. **A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Revista de Educação, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.
- EITERER, Carme Lúcia, ET AL. **Metodologia de pesquisa em Educação.** Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2010.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 16º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, Antônio Carlos. Formulação do problema de pesquisa, Construção de hipóteses e Delineamento da pesquisa. In: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Adriano Lopes. O contador de histórias na formação do leitor de leitura. In: AMARILHA, M. (org.). **Educação e Leitura trajetórias de sentidos**. V. 2. João Pessoa: UFPB. 2003.

LAVELLE, Patricia Gissoni de Santiago. **Walter Benjamin e o contador de histórias: (re)fundação do conto como gênero crítico**. Gragoatá, Niterói. v. 22, n. 43, p.837-852.

LOPES, M. Do C. F. A identificação do leitor virtual e sua interferência no texto dissertativo escolar. In: AMARILHA, M. (org.). **Educação e Leitura trajetórias de sentidos**. V. 2. João Pessoa: UFPB. 2003.

MALHEIROS, Bruno Taranto. Procedimentos Técnicos de pesquisa. In: **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MALHEIROS, Bruno Taranto. Coletando dados qualitativos; Analisando dados qualitativos. In: **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. **Ilustrações em livros infantis: alguns apontamentos**. DAPesquisa, v. 7, n. 9, p. 121-129, 2018.

MESQUITA NETA, Francisca Aurélia Rodrigues de. **A contação de história no desenvolvimento da linguagem oral**. 2014.

MORAES, Roque. Galiazzi, Maria. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces**, Ciência & Educação, v. 12, n. 1, p.117-128, 2006.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: EB/CEP, p. 204, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. UFAC, 2016.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. **O ensino de literatura no curso de Pedagogia: Um lugar necessário entre o institucional, o acadêmico e o formativo**. (Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Natal, 2018.

SANTOS, Denise; ADORNO, Soraya; SOUZA, Izanete. **A contribuição da literatura infantil no processo de construção da identidade étnico-racial na educação infantil**, ODEERE, v. 6, n. 2, jul./dez., p. 38-66, 2021.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). *Escolarização da leitura literária*. 2^a ed., 3^a reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento** [em linha]. 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2^o ed. 2^o reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9^o ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, Marcelino. **A importância da contação de história na Alfabetização**. Rio Grande do Norte, 2016.

ZILBERMAN, Regina. **Memória entre oralidade e escrita**. Letras de hoje, v. 41, n. 3, 2006.

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Primeira etapa: Caracterização do docente

1. Nome: _____
2. Data de nascimento: _____
3. Sexo: _____
4. Endereço: _____
5. Endereço eletrônico: _____
6. Telefone para contato: _____
7. Formação: _____ Ano de Formação: _____
8. Instituição formadora: _____
9. Possui outras formações? (Quais) _____
10. Instituição em que atua: _____
Estadual: ()
Municipal: ()
11. Tempo de profissão: _____
12. N° alunos: _____ Turno: _____

Segunda etapa: Contação de histórias

1. Que tipos de histórias você conta para os seus alunos?
2. Com qual frequência os seus alunos têm acesso a contações de histórias?
3. Qual a importância de contar histórias para as crianças?
4. Você utiliza algum material concreto quando conta histórias? Quais?
5. Qual a reação dos seus alunos no momento da contação de histórias?

Terceira etapa: A influência da oralidade na alfabetização

1. Você acredita que a prática de contar histórias pode influenciar de forma positiva a alfabetização de crianças? Se sim, tem algum relato?
2. Você explora a história que foi contada com outras metodologias, trazendo reflexão, jogos ou atividades?
3. Qual diferença você observa da criança que se envolve na contação de história para a que não tem interesse?
4. Como a contação de história influencia na aquisição da linguagem oral e escrita na alfabetização?

Quarta etapa: Desafios e experiências

1. Quais os desafios que você encontra para realizar a contação de histórias na sua sala de aula?
2. A escola fornece auxílio para essa prática? Tem biblioteca? Livros literários?

APÊNDICE B: TERMOS DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO DESTINADO AOS SUJEITOS DA
PESQUISA**

Eu, _____,
portador (a) do RG _____, ciente de que o questionário por mim
respondido será utilizado para fins da pesquisa de Graduação em Pedagogia intitulada (título
provisório) **Contação de história: metodologia auxiliadora no processo de alfabetização de
crianças**, desenvolvida na Universidade Estadual da Paraíba, pela aluna **Camila da Rocha
Silva**, sob a orientação da Professora Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa, a qual enseja
o trabalho de elaboração de TCC e quaisquer outras atividades acadêmicas correlatas à pesquisa
(publicação de artigos, eventos, pôsteres, dentre outras atividades acadêmicas); e de que as
informações por mim cedidas serão tratadas assegurando o meu **anonimato** e o da instituição
em que atuo (em hipótese alguma os dados pessoais: nome, telefone, idade, e-mail, fornecidos
no preenchimento do Questionário aparecerão no corpo do trabalho ou nos anexos); autorizo a
utilização dos referidos dados, desde que garantidos os fins e as condições acima citadas.

ASSINATURA

Alagoinha/PB, _____.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO DESTINADO A
COORDENAÇÃO/DIREÇÃO ESCOLAR**

As informações por mim cedidas serão tratadas assegurando o meu anonimato e o da instituição em que atuo (em hipótese alguma os dados pessoais: **nome e endereço**, fornecidos no preenchimento do Questionário aparecerão no corpo do trabalho ou nos anexos); autorizo a utilização dos referidos dados, desde que garantidos os fins e as condições acima citadas.

ASSINATURA

QUESTIONÁRIO DESTINADO À COORDENAÇÃO/DIREÇÃO ESCOLAR

1. Nome da escola: _____
2. Endereço: _____
3. Nº de alunos matriculados no primeiro ano e no segundo ano – Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no ano de 2025: _____
4. Nº de:
 - ✓ Funcionários: _____
 - ✓ Diretores: _____
 - ✓ Coordenadores: _____
 - ✓ Professores: _____
 - ✓ Auxiliar de serviços gerais: _____
 - ✓ Vigilantes: _____
 - ✓ Outros: _____
5. A escola fornece algum projeto de contação de história que favoreça o processo da alfabetização? Se sim, como esse projeto se desenvolve?
 () Sim () Não



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA

Alagoinha/PB, _____ 2025.

Sr (ª). Diretor (a) da Escola

Bananeiras/PB

Eu, Camila da Rocha Silva, aluna de Graduação em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba/UEPB/Campus III, matrícula 202460258, venho solicitar autorização para pesquisar nesta escola, sobre “Contaçon de história: metodologia auxiliadora no processo de alfabetização de crianças”, com vistas à realização de TCC para obter título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa.

Atenciosamente,

 Camila da Rocha Silva

Despacho: Autorizado

Não autorizado

 Assinatura e carimbo do Diretor(a)

Alagoinha/PB, _____ de _____ de 2025.

**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Como pesquisadora responsável pelo estudo: “Contação de história: metodologia auxiliadora no processo de alfabetização de crianças” (título provisório), declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodológicos e direitos que foram esclarecidos e assegurados aos participantes desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre as identidades dos mesmos.

Alagoinha/PB, _____ de _____ de 2025.

Assinatura da pesquisadora